

POR LETÍCIA MOUHAMAD* E GIOVANNA FISCHBORN

Ser mãe é amar, dar carinho incondicional e instintivamente saber tudo o que filho precisa, afinal, o maternar é sinônimo de afeto e cuidado, certo? Errado! Hoje, com maiores discussões sobre maternidade compulsória, depressão pós-parto e demais papéis que a mulher exerce na sociedade, antigos discursos caem por terra. Tornar-se mãe exige coragem para enfrentar os caminhos tortuosos — e nada instintivos — que envolvem a criação de um ser. Mas, se o imaginário coletivo impôs essa função às mulheres, qual seria, então, aquela reservada aos homens, ou melhor, ao homem pai?

Nas telas, eles foram retratados de diferentes formas. Lineu, do seriado *A Grande Família*, e Julius, da sitcom *Todo Mundo Odeia o Chris*, eram os provedores, que cobravam dos filhos e, vez ou outra, aconselhava-os. Seu Madruga, do clássico *Chaves*, era o pai solo que batalhava para criar a filha, enquanto educava-a com palmadas. Homer, dos *Simpsons*, era atrapalhado e irresponsável. Os tempos mudam e certas representações também, mas se tem algo que se manteve e, infelizmente, ultrapassa a ficção é o abandono paterno.

Segundo dados divulgados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil), de janeiro a abril deste ano, foram registrados 56,9 mil bebês identificados somente com o nome da mãe. O número é superior às médias contabilizadas no mesmo período dos três anos anteriores. E apesar da figura do pai ser fundamental no desenvolvimento de uma criança, o desamparo paterno ainda choca bem menos do que o materno. Aos que não abdicam das suas responsabilidades e idealizam cumpri-las com dedicação, ficam os desafios, dado que vencer os discursos alimentados pela masculinidade hegemônica é remar contra a maré. Mas é possível.

A paternidade ativa envolve ações e cuidado físico e emocional ao filho. Trata-se de desenvolver e manter uma relação que vai além do sustento financeiro. Além disso, é compartilhar com a parceira a decisão de ter ou não filhos e qual a melhor hora para tê-los. “Esse envolvimento traz como possibilidade melhor qualidade de vida e a criação de vínculos afetivos mais fortes e saudáveis para todos(as)”, como destaca a **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa**, do Ministério da Saúde. Pensando nisso, a *Revista do Correio* conversou com Victor, Lucas e Guilherme, pais que reconhecem os desafios dessa função multiplicados em primeiras experiências, e valorizam o autocuidado, com o fim, também, de garantir o bem-estar de seus filhos.

A paternidade ativa envolve ações e cuidado físico e emocional ao filho. Trata-se de desenvolver e manter uma relação que vai além do sustento financeiro. Além disso, é compartilhar com a parceira a decisão de ter ou não filhos e qual a melhor hora para tê-los. “Esse envolvimento traz como possibilidade melhor qualidade de vida e a criação de vínculos afetivos mais fortes e saudáveis para todos(as)”, como destaca a **Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa**, do Ministério da Saúde. Pensando nisso, a *Revista do Correio* conversou com Victor, Lucas e Guilherme, pais que reconhecem os desafios dessa função multiplicados em primeiras experiências, e valorizam o autocuidado, com o fim, também, de garantir o bem-estar de seus filhos.

*Estagiária sob a supervisão de Sibeles Negromonte

Mais informação

Na Cartilha para pais, do Ministério da Saúde, é possível conferir informações importantes sobre planejamento reprodutivo, pré-natal do parceiro, período gestacional e primeiros meses de vida do bebê, além de orientações práticas acerca da certidão de nascimento e da licença paternidade. Mais informações: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cartilha_pais_exercer_paternidade_ativa.pdf

Arquivo pessoal



Os desafios da paternidade ativa